

## **Marisa Mourinha**

Universidade de Lisboa

ORCID 0000-0002-5484-268X

marisa.mourinha@campus.ul.pt

### **Tradutores acidentais, tradutores sobreviventes: dois percursos acidentados, em narrativas de Jonathan Safran Foer e Todd Hasak-Lowy**

This article analyses two fictional representations of translators-interpreters in conflict situations: Todd Hasak-Lowy's short story "The Task of This Translator" (2005) and Jonathan Safran Foer's first novel, *Everything Is Illuminated* (2002). Very different, namely in their narrative form, these two works come together in the way they use irony to address dramatic subjects: in Safran Foer, young Alex is enrolled as an interpreter for an American who visits Ukraine in search for his roots; in Hasak-Lowy, a desperate Ben accepts a job he has no qualifications for. In both cases, the interpreter ends up playing a crucial role, enabling a mediation that goes far beyond a strictly linguistic framework. Resorting to theoretical works such as those of Delabastita and Grutman (2005), Kaindl and Spitzl (2014), or Arrojo (2018), on the fictional representation of translators, Baker (2006) on translation and conflict, and Boase-Beier *et al.* (2017), specifically on matters concerning translation and memory, we analyse comparatively these two portrayals, paying close attention to issues relating to the ethics of mediation.

Keywords: Safran Foer; Hasak-Lowy; translation and conflict; translation and memory; ethics of mediation

Este artigo analisa duas representações ficcionais de tradutores-intérpretes em situações de conflito: o conto de Todd Hasak-Lowy "The Task of This Translator" (2005) e o primeiro romance de Jonathan Safran Foer, *Everything Is Illuminated* (2002). Muito diferentes, desde logo na sua forma narrativa, estas duas obras convergem no modo como usam a ironia para abordar assuntos dramáticos: em Safran Foer, o jovem Alex é contratado como intérprete de um norte-americano que visita a Ucrânia à procura das suas raízes; em Hasak-Lowy, um desesperado

Ben aceita um trabalho para o qual não tem qualificações. Em ambos os casos, o intérprete acaba por desempenhar um papel crucial, possibilitando uma mediação que vai muito além do âmbito estritamente linguístico. Recorrendo a trabalhos teóricos como os de Delabastita e Grutman (2005), Kaindl e Spitzl (2014), ou Arrojo (2018), no que diz respeito à representação ficcional de tradutores, de Baker (2006) sobre tradução e conflito e de Boase-Beier *et al.* (2017) especificamente no que concerne tradução e memória, levamos a cabo uma análise comparativa destes dois retratos, dando particular atenção a questões relacionadas com a ética da mediação.

Palavras-chave: Safran Foer; Hasak-Lowy; tradução e conflito; tradução e memória; ética da mediação

## **Introdução**

A propósito da aproximação entre os campos dos Estudos de Tradução e dos Estudos sobre o Holocausto, diziam os organizadores na Introdução do volume colectivo *Translating Holocaust Lives* que um dos momentos mais significativos na articulação entre as duas disciplinas se deu quando a discussão começou a deixar de se limitar aos “escândalos de tradução”, que eclodiram a partir de textos relevantes para os Estudos sobre o Holocausto, para passar a incluir reflexões derivadas de uma concepção de tradução como “an active process of co-creation and cultural mediation.”<sup>1</sup> Estas dimensões de mediação e co-criação, patentes em qualquer processo de tradução, são particularmente pregnantes nos casos de interpretação, pela rapidez que a actividade exige e, por maioria de razão, quando as circunstâncias envolvem conflito e/ou trauma.

Sobre o papel da mediação linguística em cenários de conflito, o trabalho de Mona Baker<sup>2</sup> foi pioneiro na sua análise da responsabilidade dos tradutores e intérpretes na gestão das narrativas em ambientes de tensão e assimetrias de poder. Até certo ponto sobreponível com o conceito de “discurso” em Foucault ou de “mito” em Barthes, a noção

---

<sup>1</sup> Boase-Beier *et al.*, *Translating Holocaust Lives*, 3.

<sup>2</sup> Baker, *Translation and Conflict*.

de “narrativa” usada por Baker abarca não só representações públicas ou colectivas, mas – nas suas palavras – “applies equally to individual stories”,<sup>3</sup> e reveste-se de uma dimensão dinâmica que é fulcral para a sua aplicação aos casos que aqui abordamos.

Trata-se de duas ficções contemporâneas em que, por caminhos diversos, uma personagem se vê numa posição de intérprete linguístico para a qual não é formalmente qualificado. Tendo que gerir situações delicadas, envolvendo um conflito passado que se gere no presente, o tradutor tem de se improvisar mediador e se erguer à altura da situação em que inopinadamente se encontra. Ao fazê-lo, contribui decisivamente para o desenrolar da trama narrativa. De um ponto de vista diegético, evolui como personagem; a experiência de tradução funciona como um rito de passagem.

Algumas das recentes movimentações teóricas argumentam que a ficção se encontra numa posição privilegiada para interrogar os objectos de que se ocupa – neste caso, os fenómenos em torno da tradução. Como sugere Rosemary Arrojo, “fictional representations of the work of translators will shine a special, often unexpected light on the scene of translation as an asymmetrical encounter between different languages, interests, and perspectives.”<sup>4</sup> Na sua opinião, este tipo de texto abre espaço para um questionamento de concepções existentes sobre os temas que usam como objecto, ao mesmo tempo que permite uma abordagem potencialmente mais matizada que outro tipo de registos:

In addition, and perhaps more importantly, these representations are likely to allow some glimpses into what might be lurking behind the prevailing clichés associated with such an encounter and, therefore, into what is often repressed, barely theorized, or even acknowledged by conventional narratives about translators and their practice [...]. In contrast to the usually sober discourse of scholarly studies, fictional texts focusing on issues of translation, authorship, and reading can provide a more nuanced frame of reference as they introduce us to translator characters that oftentimes reveal their inner struggles while facing the ethical conundrums associated with their work and the relationships they are

---

<sup>3</sup> Baker, *Translation and Conflict*, 3.

<sup>4</sup> Arrojo, *Fictional Translators*, 1.

expected to establish with author and/or reader figures that also have a stake in the process.<sup>5</sup>

É precisamente o que encontramos nas obras que abordaremos: são dois casos em que a interação entre as personagens levanta questões sobre o lugar do tradutor-intérprete. Explorando mitos como o da não-interferência do tradutor, ou o da equação da tradução com *traição*, os autores destas histórias dedicaram-se a narrar de que forma o tradutor interfere, e como a sua intervenção contribui para determinar o curso dos acontecimentos.

### As obras

O romance de estreia de Jonathan Safran Foer, *Everything Is Illuminated* (2002), abre com uma narrativa, na primeira pessoa, de alguém que explica ao leitor como veio a tornar-se o intérprete daquele que diz ser “the hero of this story”,<sup>6</sup> e que se chama, como o autor, Jonathan Safran Foer. O herói da história é um judeu de Nova Iorque que viaja até à Ucrânia em busca de pistas sobre os seus antepassados: vai especificamente em busca de uma mulher que, julga saber, salvou o seu avô de um *pogrom* pouco antes da guerra. Não dominando a língua, precisa de se servir de um intérprete. A obra de Foer começa, pois, com o relato de como Alex se encontrou na circunstância de desempenhar este papel, para o qual não tem as qualificações mínimas: o seu pai tinha necessidade de contratar um intérprete para a primeira semana de Julho, altura em que é quase impossível encontrar um ucraniano que não esteja de férias. Pensa, por isso, no filho, a quem pergunta que língua estudara naquele ano na escola. Quando Alex lhe explica que havia estudado inglês, o pai inquire sobre a sua competência. Com vista à recompensa que antecipava, Alex exagera a sua capacidade: “I am fluid.”<sup>7</sup>

Tudo isto nos é contado pelo intérprete Alex, no seu inglês risível. O romance de Foer é composto por dois narradores e três registos, se assim se pode dizer: por aquilo que se intui ser a mão de Jonathan, temos

---

<sup>5</sup> Arrojo, *Fictional Translators*, 1.

<sup>6</sup> Foer, *Everything Is Illuminated*, 1.

<sup>7</sup> Foer, *Everything Is Illuminated*, 4.

a história dos seus antepassados na aldeia de Trachimbrod; a par desta, e em capítulos que se vão intercalando quer com os da narrativa, quer entre si, encontramos cartas que Alex vai escrevendo a Jonathan, mas também o relato que o intérprete faz da viagem do “herói” à Ucrânia. A prosa do escritor que conta a história de Trachimbrod usa um registo literário; o seu inglês é rico e sofisticado, embora não evite o uso do vernáculo quando a estratégia narrativa o justifica, e exhibe marcas de um fantástico que empresta à narrativa uma dimensão onírica. O inglês do intérprete Alex, pelo contrário, é testemunha e prova da sua inadequação linguística: e isto fica patente desde a primeira página do romance, em que Alex se apresenta nas suas próprias palavras. O primeiro capítulo, que relata justamente o início da aventura, chama-se, sintomaticamente, “An Overture to the Commencement of a Very Rigid Journey”. O inglês de Alex oscila entre o errado, como quando responde ao pai que é “fluid” em vez de “fluent” a falar o idioma, e o deslocado, como o é quase sempre, ou em termos de registo ou de extensão semântica: “duro”, no sentido de “difícil” (“hard”), é quase sempre substituído por “rígido” (“rigid”); em vez de “gastar dinheiro”, Alex “dissemina divisa” (“disseminating currency”); e quando finge dormir, Alex escreve que está a “forjar que repousa” (“counterfeit that I am reposing”),<sup>8</sup> assim como diz “forjar” ou “falsificar” (“counterfeit”) de cada vez que quer significar “fingir” ou “simular”. Ciente das suas limitações, Alex serve-se de um *thesaurus* que lhe foi oferecido por Jonathan; mas não tem nem conhecimentos nem sensibilidade para seleccionar as soluções mais adequadas.

O conto “The Task of This Translator”, de Todd Hasak-Lowy (2005), começa<sup>9</sup> por explicar ao leitor como Ben se transforma no intérprete de Goran. Fá-lo, porém, de uma forma convoluta. A narrativa principia por anunciar a “causa subjacente”, sem dizer sequer de quê, dando pistas sobre o movimento perifrástico que ali se inicia: “The underlying cause was Ted’s odd but well-funded entrepreneurial ambition.”<sup>10</sup> As primeiras páginas do conto são dedicadas a enquadrar – com detalhe – a parábola

---

<sup>8</sup> Foer, *Everything Is Illuminated*, 145.

<sup>9</sup> Ou começa, no título, por estabelecer uma intertextualidade com o texto quase homónimo de Walter Benjamin.

<sup>10</sup> Hasak-Lowy, “The Task of This Translator”, 149.

que levou Ben a servir como tradutor de uma língua que mal conhece: é-nos apresentada a personagem de Ted, importante mas instrumental para a trama, de cuja ambição nasce a empresa que haveria de contratar Ben. Paralelamente, vai sendo traçado um retrato do tradutor, que se encontra num estado de desalento e falta de liquidez que justificará as suas acções. Com alguma ironia, o narrador conta na terceira pessoa como foi que Ben acabou a ter aulas de uma língua que o leitor nunca vem a saber qual é:

Ben, our hero, took, in order to fulfill the foreign language requirement, an obscure language. This language is a European language, but seriously Eastern European, entirely marginal in pretty much anyone's genealogy of languages, just barely getting invited to the Indo-European family table. Just barely. Balto maybe, Slavic probably.<sup>11</sup>

Por uma série de circunstâncias “o nosso herói” vê-se nominalmente habilitado pelas cadeiras que frequentou (por razões primeiro de coração e depois de conveniência) para “traduzir” uma língua que mal entende. A peripécia surge quando um cliente solicita os serviços da agência de Ted para aquilo que deverá ser uma tentativa de reconciliação com os membros da sua família que vivem nos Estados Unidos e não dominam a língua “obscura” em torno da qual roda este conto. À resistência inicial de Ben, Ted contrapõe a compensação monetária. O dinheiro ganha. Ben acede: “This left Ben a bit over two months to (re-?)learn the obscure Language in question.”<sup>12</sup> Lança-se então à tarefa de se preparar para o trabalho de interpretação, de forma obsessiva e desastrada. Até que conhece o cliente, Goran, uma semana antes da data programada para o evento. E descobre que não compreende a maior parte do que ele diz: o seu discurso directo é reproduzido pelo narrador substituindo por “blah” os pontos em que Ben não compreende o que é dito. A mancha gráfica do conto vai apresentando excertos de monólogo (pois de monólogo se trata) cada vez mais longos – e em que a partícula “blah” aparece cada

---

<sup>11</sup> Hasak-Lowy, “The Task of This Translator”, 151-152.

<sup>12</sup> Hasak-Lowy, “The Task of This Translator”, 155.

vez mais frequentemente. O discurso de Goran é fundamentalmente opaco para o seu intérprete, mas o cliente está de tal forma agitado com o drama familiar que acaba de expor que se vai embora sem sequer se aperceber disso.

### **O tradutor como herói pós-moderno**

Servindo-se, em ambos os casos, da figura de um improvisado tradutor-intérprete, claramente sem preparação linguística compatível com a tarefa, estes dois autores apresentam-nos retratos tragicómicos de encontros com a História em que se tentam gerir memórias rasuradas, sentimentos de culpa e conflitos latentes que atravessam nações e gerações. Recuperando o título do ensaio de Jon Thiem, “The Translator as Hero in Postmodern Fiction”, pode dizer-se que o que fazem Hasak-Lowy e Safran Foer é convidar a pensar a gestão do conflito, usando para isso a figura do mediador linguístico – que é, num caso como no outro, o “herói” destas ficções. O facto de Alex se referir a Jonathan como “the hero” tem uma leitura irónica, pois o intérprete coloca-se constantemente como protagonista da sua narrativa: “Alex calls Jonathan the ‘hero’ of his novel. (This may be a trick, as Alex sees himself as a hero of sorts in his desire to achieve friendship with Jonathan by means of his writing).”<sup>13</sup> Hasak-Lowy, por seu turno, refere-se repetidamente a Ben como “our hero”, numa manobra que, se não deixa de carregar a sua dose de ironia, também vai ao encontro daquilo que é a verdade narrativa do conto, de que Ben é protagonista.

No caso de *Everything Is Illuminated*, Alex tem a função não só de apoiar linguisticamente como de guiar, no terreno, a personagem de Jonathan, à procura das suas raízes numa terra hostil. As histórias do território onde hoje vive Alex e da família de Jonathan cruzam-se num delicado nó de factos que foram ora involuntariamente distorcidos pela memória de quem os viveu, ora deliberadamente escamoteados por quem foi escrevendo a história.

Em “The Task of This Translator”, o que é pedido a Ben é que sirva de tradutor num encontro de família, mas é-lhe dito, desde o início, que se trata de uma tentativa de reconciliação: “Much years ago a difficult

---

<sup>13</sup> Feuer, “Almost Friends”, 26.

event happened and took place due to me that now I do not and did not am communicating with this extensive family. From this I suffer much”,<sup>14</sup> escreve Goran na carta que envia à agência de tradução – ou escreve-o alguém por ele, visto que declara, no mesmo momento, não falar inglês (“English but however I speak not”).<sup>15</sup>

Estamos, portanto, perante duas narrativas em que duas pessoas, que não têm competência na língua do lugar que visitam, contratam os serviços de intérpretes para tentar, de uma forma ou de outra, reescrever a história familiar. Por razões diferentes, o fio da história de cada uma destas famílias tinha sofrido um corte abrupto. No caso de Jonathan, não só o romance nos dá mais elementos, como o leitor tem a possibilidade de enquadrar a narrativa ficcional que lhe é oferecida no seu próprio quadro de referências sobre acontecimentos históricos como as perseguições a judeus na Europa, a Segunda Guerra Mundial, ou as tentativas de fuga e exílio que daí decorreram, com diferentes graus de sucesso. Na obra de Foer, é-nos dito que a família de Jonathan, originária de Trachimbrod, se radicou nos Estados Unidos, e que a fuga de um seu avô do território ucraniano só foi possível graças à ajuda de uma mulher que aparece numa fotografia que Jonathan tem consigo. A sua viagem tem o objectivo de encontrar esta mulher, que não passa de um nome (Augustine) escrito nas costas de uma velha foto.

No caso do conto de Hasak-Lowy, tudo é bem mais elíptico, e deliberadamente omisso: o cliente Goran fala de um “acontecimento difícil”, mas não oferece mais detalhes, pelo menos quando se exprime em inglês, o que só acontece na sua carta de apresentação. A partir do momento em que Goran entra pessoalmente na história e começa a interagir com Ben, só fala a sua língua inominada – e Ben não compreende a maior parte do que ele diz. Deste modo, o leitor não tem acesso a um relato mais detalhado do acontecimento que motivou que a família se afastasse de Goran. O leitor assiste à reconstituição, por parte do protagonista, da história que provavelmente Goran lhe contou sem que ele a entendesse. Na recepção que Goran organiza para falar à sua família, Ben circula por entre os convidados, mas nada do que vê ou ouve

---

<sup>14</sup> Hasak-Lowy, “The Task of This Translator”, 154.

<sup>15</sup> Hasak-Lowy, “The Task of This Translator”, 154.



lhe dá pistas sólidas até ao momento em que efectivamente interpela uma das parentes do seu cliente: “What the hell is going on here? Who are you people?”<sup>16</sup> A resposta chega com sibilante acrimónia: “‘Uncle Goran’ she hisses with acidic mockery, ‘is a murderer’. Ben refocuses and does nothing. They stare at one another without understanding. ‘He killed our parents’, she blurts, with all the expression of the lady from 411.”<sup>17</sup>

Este curto diálogo tem lugar imediatamente antes de Goran se dispor a falar no púlpito predisposto para o efeito. Ele começa a abordar o assunto que ali os reúne. Embora Goran fale devagar e usando frases curtas, Ben tem dificuldade em traduzir logo à segunda frase. Nunca chegará a fazê-lo pois, enquanto tenta ganhar tempo levando à boca um copo vazio, dois dos parentes dirigem-se ao púlpito e atacam fisicamente Goran. O tradutor não se escusa, e acaba envolvido na luta: “The translator hurries toward his client, tackles the cowboy, who topples over and onto the other two.”<sup>18</sup>

Depois do confronto físico, tanto os agressores como os outros membros da família abandonam a sala onde se dava a recepção – com excepção de dois homens, que ficam sozinhos perante Goran e o seu intérprete, com a equipa de *catering* a guardar uma prudente distância. Ainda a sangrar, Goran retoma o discurso. E aqui sucede a viragem: ainda dorido por ter tomado parte na batalha, Ben não tem, agora, a menor dificuldade em traduzir para os sobrinhos de Goran: “‘You won’t tell your children he killed your parents. He did not’, Ben looks at Goran as he says this, his chest swelling as the words come and go effortlessly.”<sup>19</sup>

Mas cedo se torna patente que o problema não é linguístico. Ben sente-se agora em condições de verter um código linguístico no outro, mas os dois parentes que permaneceram na sala não estão dispostos a receber a mensagem de Goran. Perante o conflito que se reacende, agora em termos verbais, Ben resolve já não traduzir mas, enfim, mediar noutros termos. Começa por tomar a iniciativa de mandar calar toda a

---

<sup>16</sup> Hasak-Lowy, “The Task of This Translator”, 168.

<sup>17</sup> Hasak-Lowy, “The Task of This Translator”, 168.

<sup>18</sup> Hasak-Lowy, “The Task of This Translator”, 170.

<sup>19</sup> Hasak-Lowy, “The Task of This Translator”, 173.

gente, e acaba por conseguir fazer valer uma autoridade que não estava certo de possuir. Pouco depois, quando Goran puxa do livro de cheques para agilizar as negociações, Ben toma a dianteira e põe-se a negociar por ele com os seus sobrinhos. É o intérprete quem acaba por propor a solução que agrada às duas partes: que o pagamento seja feito por parcelas, uma no momento e a outra cinco anos mais tarde, na condição de o seu cliente verificar que os parentes fizeram o que ele pede, ou seja, não o acusarem junto dos seus filhos. A mediação foi tão bem-sucedida que Ben é recontratado, além de muito bem recompensado monetariamente.

Para voltar a Thiem,<sup>20</sup> o que o leva a falar do tradutor como herói não é tanto este sucesso no plano da acção que marca a actuação de Ben e, como veremos, também de Alex no romance de Foer, mas mais a forma como uma figura tradicionalmente secundária, pela natureza da sua função subsidiária, se ergue a protagonista na narrativa pós-moderna. Thiem considera que esta novidade se deve a mudanças sofridas no estatuto da tradução e das línguas estrangeiras no equilíbrio das relações culturais contemporâneas, mas também à disponibilidade da sensibilidade pós-moderna para nos interpretar, um pouco a todos, como epígonos:

The second major development that has made the translator such a representative personage is the spread of the feeling that as postmoderns we are epigones. Like the epigone, the translator is a kind of latecomer in the processes of intertextual transformation. The translator's secondary position with respect to the primary text makes him or her a personification of belatedness, and translation itself a model for all forms of belated cultural endeavour. Of course, the very term "postmodern" denotes posteriority.<sup>21</sup>

Thiem levanta uma questão pertinente para esta discussão, que é a da relação entre identidade pessoal e protagonismo: "But the fact remains that translation and heroic activity seem antithetical. The hero is easily

---

<sup>20</sup> Thiem, "The Translator as Hero".

<sup>21</sup> Thiem, "The Translator as Hero", 209.

recognized as the one who exudes an over-abundance of self.”<sup>22</sup> Jean Anderson<sup>23</sup> fala de uma instabilidade identitária; na sua leitura, esta prende-se com a necessidade que o tradutor tem, para o desempenho da sua função, de habitar espaços liminais e se mover constantemente entre dois campos; de ser, como diz Anderson seguindo Durastanti, “agentes duplos”. Tal interpretação da figura do tradutor enfatiza a sua função de mediador e, no mesmo movimento, afasta a tónica da dimensão estritamente linguística: “His task, then, to a certain extent, leads the prospective translator to an expansion beyond linguistic forms and into a deeper cultural and political understanding.”<sup>24</sup>

É justamente o que se passa com os protagonistas destas ficções: de modo paródico, no conto de Hasak-Lowy, nomeadamente na relação obsessiva que Ben estabelece com o filme que alugou para aprender a língua que deve interpretar; e de forma bem mais dramática no romance de Jonathan Safran Foer, em que o trabalho de intérprete leva Alex e o seu avô, que o acompanha, a confrontarem-se com um contexto e uma história que é também a deles. Neste esforço, porém, que o tradutor faz para aceder ao mundo que é chamado a interpretar, frequentemente é posta em causa a sua própria posição de partida. Em ambas as narrativas, há uma procura da verdade que leva o tradutor a um abismo. Ben, na sua derradeira tentativa de penetrar a língua “obscura” através do filme que alugou, perde-se de si, despersonaliza-se, até deixar de reconhecer o seu próprio cheiro: “The odor is so powerful and foreign, he must look at his image once more in the mirror to verify that this is indeed him and not some rank imposter.”<sup>25</sup>

Um efeito semelhante se opera no romance de Foer, com a adesão de Alex à busca de Augustine a tornar-se tão forte que a sua vontade se sobrepõe à de Jonathan, quando esta começa a esmorecer. Mas não é Augustine que encontram. E, ao seguir os vestígios que os levariam a desvelar a história da família de Jonathan, Alex acaba por descobrir o papel da sua própria família – do seu avô, ali presente – no massacre que ocorrera na aldeia de Trachimbrod. Esta revelação devastante, que

---

<sup>22</sup> Thiem, “The Translator as Hero”, 207.

<sup>23</sup> Anderson, “The Double Agent”, 171.

<sup>24</sup> Apostolou, “Walter Benjamin Revisited”, 79.

<sup>25</sup> Hasak-Lowy, “The Task of This Translator”, 162.

Alex tenta digerir como pode, retrata, e aqui de uma forma radical, a alienação que a tradução implica. Como reflecte Carol Jacobs, “[f]or Benjamin, translation does not transform a foreign language into one we may call our own, but rather renders radically foreign that language we believe to be ours.”<sup>26</sup>

### **Traduzir o silêncio**

No seu ensaio sobre o romance de Foer, Francisco Collado-Rodriguez<sup>27</sup> argumenta que o uso que o autor faz das duas vozes narrativas e dos respectivos registos, contrastantes entre si, contribui para proporcionar a reflexão ética que, na sua opinião, esta obra favorece. Entre os dispositivos literários a que recorre o autor, destaca-se este, cujo efeito vai ampliando a sua dimensão à medida que a narrativa evolui.

Como já vimos, o romance abre com a voz de Alex, que se apresenta ao leitor exibindo não só o seu inglês como a sua visão do mundo: ingénua, limitada e perpassada por preconceitos. O inglês de Alex (“not so premium”<sup>28</sup>) provoca imediatamente no leitor um efeito cómico. Esse efeito, porém, não logrará manter-se ao longo de toda a sua intervenção no livro. À medida que a história avança, e que os relatos e cartas de Alex se vão intercalando com a narrativa mítico-mágica da fundação de Trachimbrod, vai ficando progressivamente mais visível a realidade de um e de outro, cliente e intérprete, norte-americano e ucraniano, judeu e gentio, e vai sendo posta a nu a fundamental assimetria entre eles.

Alex cresceu na Ucrânia com o mito do sonho americano (“that ennobled country America”<sup>29</sup>), e um forte preconceito anti-semita: “I had the opinion that Jewish people were having shit between their brains. This is because all I knew of Jewish people was that they paid Father very much currency in order to make vacations from America to Ukraine.”<sup>30</sup> Tem, ou finge ter, uma alta opinião da sua pessoa: “I am a very premium person to be with. I am homely, and also severely funny,

---

<sup>26</sup> Jacobs, “The Monstrosity of Translation”, 756.

<sup>27</sup> Collado-Rodriguez, “Ethics in the Second Degree”.

<sup>28</sup> Foer, *Everything Is Illuminated*, 23.

<sup>29</sup> Foer, *Everything Is Illuminated*, 3.

<sup>30</sup> Foer, *Everything Is Illuminated*, 3.

and these are winning things.”<sup>31</sup> No entanto, a sua viagem com Jonathan vem iluminar-lhe uma série de aspectos – em primeiro lugar, sobre o mundo de origem do “herói” americano; mas, num segundo momento, e é esse o nó dramático da obra, também sobre o seu próprio mundo.

Como diz Steven G. Kellman, “[e]very language is, according to Frederic Jameson’s metaphor, borrowed from Friedrich Nietzsche, a prison-house (Jameson), but the native language is probably the most constraining facility.”<sup>32</sup> Nesse sentido, Alex, que começa o romance de Foer enclausurado nos limites da sua língua e, sobretudo, da narrativa que lhe foi proposta até então, acaba por, através deste exercício de bilinguismo e, naturalmente, dos contactos que ele proporciona, evadir-se da sua zona de conforto – para, porém, aceder ao conhecimento trágico sobre a participação da sua própria família nos massacres ocorridos na zona. Feuer refere que: “Broadly stated, Foer’s novel begins with a contemporary blend of the comic mode and one of its derivations, the quest Romance”,<sup>33</sup> mas não seria inexacto descrevê-lo como o *Bildungsroman* da personagem de Alex.

Delabastita e Grutman comentam, sobre a figura do tradutor, “the enormous power and responsibility they have in multilingual communication. The survival of a text, the success of a business deal, the future of a refugee, even human lives may depend on how translation is handled”,<sup>34</sup> comentário que se aplica com especial intensidade às situações retratadas nas duas ficções de que aqui nos ocupamos. E continuam: “We would venture the hypothesis that the translator’s power can be assessed in terms of two variables: the importance of the message that is to be communicated, and the distance between the cultures which enter into communication via the translator.”<sup>35</sup> Desse ponto de vista, pode dizer-se que o poder – e a responsabilidade – de Alex, enquanto tradutor de Jonathan, vai aumentando. Cresce a par da sua consciência, por um lado, do que está em causa na *demanda* que

---

<sup>31</sup> Foer, *Everything Is Illuminated*, 2.

<sup>32</sup> Kellman, *Nimble Tongues*, 145.

<sup>33</sup> Feuer, “Almost Friends”, 25.

<sup>34</sup> Delabastita e Grutman, “Introduction”, 19.

<sup>35</sup> “Introduction”, 19.

empreendem em conjunto (a importância da mensagem); e, por outro lado, também da distância que, afinal, separa os dois homens.

Na sua extensão, mais curta, o conto de Hasak-Lowy aborda aquilo que se adivinha ser um genocídio, num registo que nunca abandona a ironia, resvalando frequentemente para o grotesco. O romance de Foer, com outro ritmo, tem tempo de ir do cómico ao trágico. Os dois protagonistas são da mesma idade. Se Jonathan vai à procura das suas raízes e tenta reconstruir a história da sua família na Ucrânia, é Alex quem acaba por ter mais sucesso nessa busca, que não sabia sequer estar a empreender.

Alex é recrutado como tradutor, mas o seu avô era o motorista de serviço. Sem o fascínio da América, e sem a inocência que é ainda apanágio de Alex, o avô encarna o antagonista do nosso herói Jonathan. Contrariado desde o início, e sem o menor respeito pelo cliente ou pelas suas preocupações e necessidades, expressa-se sempre só na sua língua, e em termos tão inapropriados que o neto se vê obrigado, desde o primeiro momento, a servir de mediador entre motorista e cliente. O avô e o jovem americano encarnam, respectivamente, as figuras arquetípicas do colaboracionista e do descendente de sobreviventes, mas Alex não tem consciência disto. Limita-se a gerir, o melhor que pode, a agressividade do avô perante o cliente, mentindo sem hesitar, e com intenso efeito cómico, ao traduzir as suas intervenções.

Dá-se, porém, um volte-face, que levará Alex a escrever, mais tarde, numa carta a Jonathan, “Grandfather has not been healthful. [...] As you know, he was very defeated about Augustine, more than even you or I were defeated.”<sup>36</sup> Não é rigorosamente verdade. O que se passou com o avô não foi tanto que lhe pesou não terem encontrado a mulher da fotografia. A pessoa que encontraram acaba, com a sua intervenção, por levar o avô de Alex a confessar o seu próprio papel nos massacres; ao fazê-lo, foi obrigado a confrontar a sua própria consciência. É um confronto de que não sairá vivo: o avô suicida-se antes de o livro chegar ao fim.

Os três nunca encontram Augustine ou Trachimbrod, mas chegam a falar com uma sobrevivente. Depois de circularem por horas, e

---

<sup>36</sup> Foer, *Everything Is Illuminated*, 25.

inquirirem junto de quem encontram, sem nenhum resultado, é o avô quem aponta uma figura humana junto de uma casa. Jonathan, entretanto, adormecera no carro. Sem muita convicção, Alex aproxima-se da casa e aborda a velha senhora, que se mostra extremamente gentil mas diz nunca ter ouvido falar de Trachimbrod. Alex já se despedira, e preparava-se para partir quando se recorda que tinha consigo uma das muitas cópias que Jonathan fizera da fotografia em que o seu avô aparece com Augustine, entre outras pessoas: “Then I remembered that I had taken the photograph of Augustine, and although I do not know what it was that coerced me to feel that I should, I rotated back around and displayed the photograph to the woman.”<sup>37</sup> A pergunta que lhe dirige será repetida vezes sem conta: “Have you ever witnessed anyone in this photograph?”. A mulher responde que não. Mas o tradutor, sem saber porquê, sente que deve insistir. E de novo recebe a mesma resposta, “although this second no did not seem like a parrot, but like a different variety of no.”<sup>38</sup> Pelo que se segue a mesma pergunta, uma terceira vez. E a mesma resposta: “‘No’, she said again, and this seemed like a third variety of no.”<sup>39</sup>

Este momento tópico do livro e este diálogo hipnótico entre Jonathan e a mulher de cabelo branco continua por mais uma página inteira. Rigorosamente as mesmas palavras, mas, a cada “Não”, a sua interlocutora transmite a Alex qualquer coisa de novo. Alex coloca-lhe nas mãos a fotografia. Ao nono “Não”, Alex vê uma lágrima cair. E insiste:

“Have you ever witnessed anyone in the photograph?” I inquired, and I felt cruel, I felt like an awful person, but I was certain that I was performing the right thing.  
“No,” she said, “I have not. They all look like strangers.”  
I periled everything.  
“Has anyone in this photograph ever witnessed you?”  
Another tear descended.  
“I have been waiting for you for so long.”<sup>40</sup>

<sup>37</sup> Foer, *Everything Is Illuminated*, 117.

<sup>38</sup> Foer, *Everything Is Illuminated*, 117.

<sup>39</sup> Foer, *Everything Is Illuminated*, 118.

<sup>40</sup> Foer, *Everything Is Illuminated*, 118.

Amy Hungerford<sup>41</sup> comenta o papel, neste clímax da narrativa, do mecanismo do testemunho, crucial no contexto. Cedo se torna claro que esta mulher, que os convida a entrar e lhes prepara uma refeição, não é Augustine, embora reconheça o avô de Jonathan na fotografia. Possui uma caixa, marcada com a etiqueta “Remains”, onde guarda fotografias e objectos vários, que são tudo o que restou da aldeia agora extinta de Trachimbrod. Esses objectos desempenham a função de testemunho, e a mulher (a que todos chamarão sempre Augustine) entrega a Jonathan a caixa. Guardara-a por isso, para poder um dia passar o testemunho.

Philippe Codde, a propósito deste romance e da transmissão intergeracional do trauma, recupera o conceito de pós-memória, tal como o propõe Marianne Hirsch,<sup>42</sup> “a term originally designed to describe the mnemonic activity of the second generation, but which is even more germane to the emotional and intellectual project of the third generation.”<sup>43</sup> Tanto Alex quanto Jonathan fazem parte desta terceira geração – mas Alex não o sabe.

### **A tarefa destes tradutores**

O conto de Hasak-Lowy, assim como o livro em que está incluído, tem como título aquilo que é uma referência a um texto que se tornou fundamental para as teorias contemporâneas sobre tradução: “Die Aufgabe des Übersetzers”, de Walter Benjamin, que começou por ser publicado em 1923 como prefácio a uma tradução de Baudelaire, e teve uma notável *sobrevida* especialmente através da tradução para inglês de Harry Zohn de 1968.<sup>44</sup> O ensaio de Benjamin argumenta no sentido de aproximar o processo de tradução do esforço hermenêutico e, assim, de iluminar aspectos da obra que podem não ser visíveis no texto de partida.

---

<sup>41</sup> Hungerford, “How Jonathan Safran Foer Made Love”, 614.

<sup>42</sup> Pós-memória seria uma memória baseada não na experiência vivida na primeira pessoa, mas passada de geração em geração pelos sobreviventes de eventos traumáticos.

<sup>43</sup> Codde, “Transmitted Holocaust Trauma”, 64.

<sup>44</sup> Benjamin, “The Task of the Translator”.



Ao escolher uma expressão que segue muito de perto o título de Benjamin, Hasak-Lowy está a dialogar com esta tradição. Apostolou<sup>45</sup> comenta como a proximidade entre os dois títulos fomenta a ambiguidade, de tal forma é imperceptível a diferença entre ambos.

As recepções contemporâneas do texto de Benjamin foram também muito moduladas pela leitura que dele fez Derrida.<sup>46</sup> No seu ensaio, Derrida glosa em torno das múltiplas dimensões lexicais do título de Benjamin, em que “Aufgabe”, habitualmente traduzido por “tarefa” (“task” em inglês, “tâche” em francês), remete para o sentido de “incumbência” (“Aufgabe, le devoir, la mission, la tâche, le problème, ce qui est assigné, donné à faire, donné à rendre”<sup>47</sup>), mas evoca também o significado de “renúncia” ou “desistência”, conotado em particular através da forma verbal “aufgeben” (“Quant à aufgeben, c’est aussi donner, expédier [émission, mission] et abandonner”<sup>48</sup>).

Para Derrida, Benjamin refere-se à figura do tradutor e não ao processo de tradução:

Benjamin ne dit pas la tâche ou le problème de la traduction. Il nomme le sujet de la traduction comme sujet endetté, obligé par un devoir, déjà en situation d’héritier, inscrit comme survivant dans une généalogie, comme survivant ou agent de survie. La survie des oeuvres, non pas des auteurs. Peut-être la survie des noms d’auteurs et des signatures, mais non des auteurs.<sup>49</sup>

Este foco no sujeito que traduz vai muito ao encontro da narrativa de Hasak-Lowy, em que a tarefa que lhe é dada pesa sobre o intérprete com especial força. Mas há outras linhas de convergência, como a que Derrida esboça na citação acima, e que é um tema recorrente na sua leitura: a do tradutor como herdeiro, como sobrevivente – e como escritor da história. No texto de Benjamin, muito ancorado na tradução da obra literária, o tradutor aparece como criador, ou co-criador da vida da obra, da sua vida futura e/ou póstuma (em alemão, respectivamente

---

<sup>45</sup> Apostolou, “Walter Benjamin Revisited”, 70.

<sup>46</sup> Derrida, “Des tours de Babel”.

<sup>47</sup> Derrida, “Des tours de Babel”, 211-212.

<sup>48</sup> Derrida, “Des tours de Babel”, 212.

<sup>49</sup> Derrida, “Des tours de Babel”, 214.

“Fortleben” e “Überleben”; a tradução francesa usa “survie”). No conto que aqui analisamos, a *sobrevida* em questão liga-se menos com o âmbito textual e mais com outra dimensão também presente no ensaio de Benjamin: há uma metáfora seminal, que é muito explorada também por Derrida (o texto de Derrida começa aliás por evocar o mito e a linhagem de Babel), que faz sentido chamar aqui à colação. A tradução é apresentada por Benjamin como carregando em si o germe (“Keimen”) de uma linguagem pura, e a tarefa do tradutor seria justamente a de fazer germinar essas sementes (“den Samen reiner Sprache zur Reife zu bringen”, literalmente “fazer amadurecer a semente da linguagem pura”).

Neste conto, assim como no romance de Foer, a mediação que é pedida aos intérpretes não é entre a obra original e a linhagem engendrada pelas suas traduções, ou entre o autor de um texto escrito e o seu leitor. Ben e Alex são convocados não a transportar um texto, num movimento hermenêutico, mas a co-criar uma narrativa, no sentido em que a entende Baker,<sup>50</sup> e num movimento dialéctico. Mais do que *sobrevida*, no sentido hermenêutico que Benjamin lhe dá, estes intérpretes têm por tarefa reatar os laços de uma linhagem que, como a de Babel, havia sido interrompida. Goran precisa da ajuda de Ben para comunicar com a sua família, e Jonathan da de Alex para estabelecer contacto com quem quer que se vá encontrando no seu périplo pela Ucrânia em busca de Augustine. O papel dos intérpretes, nestas narrativas, consiste em proporcionar a ligação de uma geração com outra, por forma a reatar o fio da linhagem. A sua condição de estrangeiros não só não constitui obstáculo, como parece ser condição de possibilidade do papel que assumem.

### **Considerações finais**

As paródias pós-modernas propostas por estes dois autores trazem para o território da interpretação e da mediação linguística as problemáticas em torno das questões de trauma, conflito, memória e pós-memória e, num dos casos, pelo menos, o Holocausto. Nestes projectos narrativos, o mediador linguístico vê-se obrigado a mediar

---

<sup>50</sup> Baker, *Translation and Conflict*.

conflitos latentes no presente, herdados de um passado de violência imperfeitamente resolvido.

Trata-se de dois casos em que a ficção constitui um veículo para abordar as questões da memória e do testemunho – de forma mais dramática no romance de Foer, em que se tenta reconstruir a história a partir do testemunho de uma mulher que, afinal, nunca se encontra; e num registo mais mordaz no conto de Hasak-Lowy, em que o cliente acaba por comprar o seu direito à “verdade” junto dos seus interlocutores.

A um outro nível, porém, poderá dizer-se também que se propõe uma reflexão sobre a indizibilidade ou, por outras palavras, a inadequação da linguagem – de qualquer linguagem verbal – à “tradução” de dramas humanos como o do genocídio insinuado em Hasak-Lowy ou o do Holocausto em Foer. Esta indizibilidade encontra-se materializada, no primeiro caso, na radical incompreensão do intérprete Ben, que resulta na quantidade de lacunas que o leitor encontra na sua tradução mental, como narrador, dos discursos do seu cliente; mas também, de forma menos paródica e mais firmemente alegórica, na mudez da irmã de Goran, única sobrevivente, e falante da língua “obscura” das suas origens comuns, mas silenciada por um acontecimento que Ben não consegue traduzir para o leitor. No caso do romance de Foer, a indizibilidade concretiza-se nos silêncios que se tornam cada vez mais frequentes nas interações do intérprete Alex com a sobrevivente que este entrevista e, mais dramaticamente, no momento em que Jonathan, horrorizado com o relato detalhado do dia do massacre em Trachimbrod, pede a Alex que pare de traduzir.

Nestes dois textos, mais que a competência linguística dos intérpretes (manifestamente inexistente), ganham peso e importância narrativa a relação que se estabelece entre o mediador e o mediado. Deste ponto de vista, a tarefa da tradução aparece como uma parte fundamental do processo de negociação da história e da construção de uma narrativa comum, a partir das vivências e histórias individuais, ao mesmo tempo que o tradutor-intérprete se constitui como agente, e agente privilegiado, desta mediação. A posição que este mediador ocupa na gestão das dissidências revela, por um lado, o poder que lhe advém desse papel que desempenha. Mas, por outro lado, desempenhá-lo é também *empoderador*: o caminho que ele percorre nestas narrativas,

apesar de doloroso, faz dele (como na leitura de Derrida) herdeiro, sobrevivente e escritor da história.

## **Bibliografia**

- Anderson, Jean. "The Double Agent: Aspects of Literary Translator Affect as Revealed in Fictional Work by Translators." Dirk Delabastita and Rainier Grutman (eds.), *Linguistica Antverpiensia. Fictionalising Translation and Multilingualism*, 4, 2005, 171-182. <https://lans-tts.uantwerpen.be/index.php/LANS-TTS/article/view/134>
- Apostolou, Fotini. "Walter Benjamin Revisited. A Literary Reading in Todd Hasak-Lowy's Short Story 'The Task of This Translator'." Klaus Kaindl and Karlheinz Spitzl (eds.), *Transfiction. Research into the Realities of Translation Fiction*, 69-86. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2014.
- Arrojo, Rosemary. *Fictional Translators: Rethinking Translation through Literature*. London and New York: Routledge, 2018.
- Baker, Mona. *Translation and Conflict: A Narrative Account*. London: Routledge, 2006.
- Benjamin, Walter. "The Task of the Translator." Hannah Arendt (ed.), *Illuminations*, translated by Harry Zohn, 69-82. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1968.
- Boase-Beier, Jean, Peter Davies, and Andrea Hammel (eds.). *Translating Holocaust Lives*. London: Bloomsbury, 2017.
- Codde, Philippe. "Transmitted Holocaust Trauma: A Matter of Myth and Fairy Tales?", *European Judaism: A Journal for the New Europe*, 42, no. 1, 2009, 62-75.
- Collado-Rodriguez, Francisco. "Ethics in the Second Degree: Trauma and Dual Narratives in Jonathan Safran Foer's *Everything Is Illuminated*", *Journal of Modern Literature*, 32, no. 1, 2008, 54-68.
- Delabastita, Dirk and Rainier Grutman. "Introduction: Fictional Representations of Multilingualism and Translation", Dirk Delabastita and Rainier Grutman (eds.), *Linguistica Antverpiensia. Fictionalising Translation and Multilingualism*, 4, 2005, 11-34. <https://lans-tts.uantwerpen.be/index.php/LANS-TTS/article/view/124>
- Derrida, Jacques. "Des tours de Babel." *Psyché. Invention de l'autre*, 203-236. Paris: Galilée, 1987.

- Feuer, Menachem. "Almost Friends: Post-Holocaust Comedy, Tragedy, and Friendship in Jonathan Safran Foer's *Everything Is Illuminated*", *Shofar*, 25, no. 2, 2007, 24-48.
- Foer, Jonathan Safran. *Everything Is Illuminated*. London: Penguin Books, 2002.
- Hasak-Lowy, Todd. "The Task of This Translator." *The Task of This Translator: Stories*, 149-177. Orlando: Harcourt, 2005.
- Hungerford, Amy. "How Jonathan Safran Foer Made Love", *American Literary History*, 25, no. 3, 2013, 607-624.
- Jacobs, Carol. "The Monstrosity of Translation", *MLN*, 90, no. 6, 1975, 755-766.
- Kaindl, Klaus and Karlheinz Spitzl (eds.). *Transfiction. Research into the Realities of Translation Fiction*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2014.
- Kellman, Steven G. *Nimble Tongues. Studies in Literary Translingualism*. West Lafayette: Purdue University Press, 2020.
- Thiem, Jon. "The Translator as Hero in Postmodern Fiction", *Translation and Literature*, 4, no. 2, 1995, 207-218.